

# ANATOMIA DOS MUTILADOS: LAÇOS AFETIVOS E MALHAS NARRATIVAS EM TEXTOS DE JOÃO GILBERTO NOLL

Carlos José Lontra Marques  
(UFES, bolsista PIBIC/CNPq)

**Resumo:** O Eros contemporâneo que circula pela ficção de João Gilberto Noll, desterrado e nômade, desesperadamente nômade, insiste sempre em lançar novos passos, construindo uma narrativa tumultuada por tropeços, coalhada de fraturas, mas ainda assim vivaz. Seja caindo seja levantando, os personagens, cada vez mais insistentes, seguem sem rumo preciso, mas seguem, esbarrando corpos com os quais, apesar do contato, não constroem afeto. Na pista desse percurso, refletiremos, a partir dos romances *A céu aberto* e *O quieto animal da esquina*, sobre a impossibilidade dos laços afetivos nas narrativas nolleanas, discutindo, além do mais, determinados dados acerca da configuração dos mundos pós-modernos, em paralelo, quando for preciso, com o estudo de questões próprias da modernidade.

**Palavras-chave:** Narrativa brasileira contemporânea (João Gilberto Noll), João Gilberto Noll (*A céu aberto*), João Gilberto Noll (*O quieto animal da esquina*), Pós-modernidade (laços afetivos), Laços afetivos (análise literária).

Discutindo o amor na pós-modernidade, Bauman afirma que “Eros com certeza não está morto. Mas, exilado de seu domínio hereditário — tal como Ahaspher, o Judeu Errante —, ele foi condenado a perambular pelas ruas numa infundável e eterna vã procura de abrigo”<sup>1</sup>. Logo: “Eros pode ser agora encontrado em toda parte, mas não permanecerá muito tempo em lugar nenhum. Ele não tem endereço fixo”<sup>2</sup>. Na maior parte dos textos<sup>3</sup>, os personagens de Noll, também sempre em movimento, se constituem

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 57.

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 57.

<sup>3</sup> João Gilberto Noll já lançou, até a presente data, as seguintes obras: *O cego e a dançarina* (contos), *A fúria do corpo* (romance), *Bandoleiros* (romance), *Rastros do verão* (romance), *Hotel Atlântico* (romance), *O quieto animal da esquina* (romance), *Harmada* (romance), *A céu aberto* (romance), *Canoas e marolas* (romance), *Berkeley em Bellagio* (romance), *Mínimos múltiplos, comuns* (instantes ficcionais) e *Lorde* (romance).

de ausências. Em *A céu aberto*, o narrador-personagem, em presença<sup>4</sup> do irmão, conclui: “é disso que somos feitos, de precisar, precisar, não ouviu essa história não?!”.<sup>5</sup> As ausências, inclusive, tornam-se materiais:

Lembrei que acordávamos mais uma vez com aquela bruta fome. E hoje eu não poderia rondar com o meu irmão pelas ruas da cidade pedindo dinheiro aos passantes, porque o meu irmão precisava antes ficar bom, a gente precisava naquele dia era ir até a frente de batalha e pedir ajuda ao nosso pai, sei lá, uma vaquinha entre os soldados para comprar remédios para o garoto, que estava ardendo em febre naquela cama suja do pardieiro que encontramos vazio fazia tempo.<sup>6</sup>

Já de imediato podemos verificar, entre demais carências, a ausência: a) de alimento (“acordávamos mais uma vez com aquela *bruta fome*”); b) de perspectiva de emprego (“rondar com o meu irmão pelas da cidade *pedindo dinheiro aos passantes*”); c) de saúde (“o meu irmão precisava antes *ficar bom*”); d) de segurança (“ir até a *frente de batalha*”); e) de moradia adequada (“*pardieiro que encontramos vazio* fazia tempo”); e, nas entre linhas, a ausência do *pai*<sup>7</sup> que, longe, não proporciona proteção, nem afeto ou experiência.

Da mesma forma, em *O quieto animal da esquina*, as carências, desde o primeiro parágrafo, assim se apresentam: “Um caldo escuro escorrendo das minhas mãos debaixo da torneira, eu tinha perdido o emprego, me despedia daquela graxa difícil de sair.”<sup>8</sup> Depois:

Um caldo escuro escorrendo, lá se foram três meses, e eu pegando o hábito de ocupar o tempo perambulando pelo centro da cidade, leve desânimo ao me ver no espelho de um banheiro público, nada que um cara de dezanove anos não pudesse eliminar andando mais um pouco.<sup>9</sup>

E mais:

<sup>4</sup> Preferimos “em presença” em vez de, por exemplo, *em diálogo* ou, ainda, *em conversa*, porque, em todos textos de João Gilberto Noll, o diálogo não consiste numa interação de interlocutores, antes se articula como um encadeamento, uma seqüência de breves monólogos.

<sup>5</sup> NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 18.

<sup>6</sup> NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 11.

<sup>7</sup> Mais adiante refletiremos detidamente sobre esse ponto (a ausência do pai), com base, sobretudo, nos estudos de Sigmund Freud, Walter Benjamin e Zygmunt Bauman.

<sup>8</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 7.

<sup>9</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 7.

Naquela tarde não demorou muito para me bater aquela velha fome, e fui me levantando, saindo, olhando as várias pessoas que liam debruçadas em mesas escuras e calosas, na sua maioria os freqüentadores de sempre, ficava imaginando se eram desempregados como eu, se recebiam uma pensão por alguma invalidez oculta, não pareciam aleijados, não lhes faltavam aparentemente pedaço nenhum.<sup>10</sup>

Por fim:

Foi numa segunda à tarde que invadi o apartamento na Glória, onde eu morava agora com minha mãe. Entrei sozinho, carregando apenas uma caixa de ferramentas, uma caixa que eu costumava levar, não sei por quê, em situações delicadas como aquela. Era uma construção parada: uma ou outra porta, algumas janelas, banheiros quase prontos, cozinhas nem tanto. A cada dia apareciam de mansinho novos invasores, eu e minha mãe em certas pausas nos olhávamos nos perguntando, e resolvíamos então disfarçar pendurando alguma coisa na parede, empurrando a cristaleira para mais perto da janela, desde o despejo daquela casa torta à beira da calçada ali mesmo na Glória, desde aí que a gente se surpreendia a se olhar com aquele ar de bobeira.<sup>11</sup>

Em *O quieto animal da esquina*, tanto quanto no outro romance citado, *A céu aberto*, as carências ou, noutros termos, as ausências, muito se aproximam: a) ausência de alimento (“não demorou muito para me bater aquela *velha fome*”); b) de perspectiva de emprego (“eu pegando o *hábito de ocupar o tempo perambulando* pelo centro da cidade”); c) de saúde (“não pareciam aleijados, não lhes faltavam *aparentemente* pedaço nenhum”<sup>12</sup>); d) de segurança (“situações *delicadas* como aquela”); e) de moradia adequada (“Foi numa segunda à tarde que *invadi* o apartamento na Glória”); e, de resto, também a ausência do *pai* que, nas palavras do personagem-narrador, simplesmente “sumira”.<sup>13</sup>

Diferente de outros animais, os seres humanos nascemos dependentes do cuidado, da preocupação e do afeto dos demais membros da espécie, em geral dos próprios pais<sup>14</sup>. No decorrer da vida, por sorte ou

<sup>10</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 8.

<sup>11</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 9-10.

<sup>12</sup> Aqui a doença não é física, mas, isto sim, social; os *possíveis* desempregados (“ficava imaginando se eram desempregados como eu”) são vistos como *inválidos* (“se recebiam uma pensão por alguma invalidez oculta”), mesmo que não sejam *aparentemente* “aleijados”.

<sup>13</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 10.

<sup>14</sup> Cf. EAGLETON, Terry. *A psicanálise*. EAGLETON, Terry. In: *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

infelicidade, a dependência (não só material, como também emocional) permanece, só que, nesse caso, adquire novos paradigmas. Tais constatações — nem um pouco originais, é verdade, mas, em todo caso, de fato algo valiosas — deixam ver, entre outras questões, a *precariedade* do humano. Seguindo isso, tanto em *A céu aberto* quanto em *O quieto animal da esquina*, a ausência do pai, somada a demais carências, configura um quadro narrativo motivado por grave *ansiedade*<sup>15</sup>, de forma que os personagens, desprotegidos, circulam pela cidade em meio a diversas ameaças<sup>16</sup> de um mundo *irrespirável*:

Uma garotinha passa e pergunta se por acaso quero receber um perdão. Pergunto, de quem? Do espírito que me governa e que a partir de hoje mora aqui — e ela mostra a barriga. Quero, quero um perdão, me ajoelho. A menina me cospe no olho. O mundo está ficando irrespirável, quando se espera um perdão vem, sei lá, uma lição de moral, ou uma cusparada que dá no mesmo.<sup>17</sup>

Não sem agudo desprazer, o *anseio pelo pai*<sup>18</sup> despertado pela *necessidade de proteção*, uma vez frustrado, conduz ao “desamparo” que, de múltiplas maneiras, compõe o estado de abandono, não só familiar como também social, às voltas do qual os protagonistas de ambas as narrativas se agitam:

(...) quando o homem chegou foi logo me perguntando se eu tinha irmãos, o pai e a mãe vivos, e quando contei do sumiço do meu pai, quando disse que com o sumiço do meu pai a minha mãe e eu fomos caindo na miséria, que tive de abandonar o colégio e batalhar sustento, o delegado parece que se interessou de verdade, inclinou-se na minha direção, me deu uma pancada no ombro e gritou que eu contasse tudo a respeito dessa época, que só podia ser, que era aí sim que tudo tinha começado.<sup>19</sup>

<sup>15</sup> Anthony Giddens, em *A transformação da intimidade*, discute uma “ansiedade ontológica” que, a todo tempo, domina a subjetividade dos sujeitos contemporâneos.

<sup>16</sup> Para ilustrar esse ponto basta dizer que, em *A céu aberto*, o personagem-narrador, sempre surpreendido por situações de desprazer, ora é designado para a guerra, ora é trancafiado na cabine de um navio, e, em *O quieto animal da esquina*, o protagonista, que também cumpre a função de narrador, é preso a custa de um crime que, devido à atmosfera de imprecisão entretecida pela narrativa, nem se confirma nem se contesta.

<sup>17</sup> NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 135-136.

<sup>18</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1994, v. XXI.

<sup>19</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 17.

Ainda nesse passo, a ausência da figura paterna, conforme sublinhou Walter Benjamin<sup>20</sup>, subtrai da juventude (os protagonistas dos dois romances citados são jovens) a transmissão de uma possível *experiência*. Na pós-modernidade, os sujeitos, *herdeiros da mudez do pós-guerra*<sup>21</sup>, não possuem acesso ao discurso de orientação, de ensinamento de códigos — dados que traduzem, acima de tudo, “o significado da experiência” —, salvo as informações divulgadas pelos meios de informação de massa. Sendo assim, Bauman<sup>22</sup>, ao discorrer “sobre a fragilidade dos laços afetivos”, afirma que, na contemporaneidade, os *problemas de relacionamento* constituem, na verdade, *problemas de comunicação*.

Dessa forma, quando a família perde o estatuto de transmissor de experiência, os meios de informação de massa, com suas descargas vertiginosas de informação, ocupam de tal forma o lugar de fala dos pais que, segundo Jameson<sup>23</sup>, os sujeitos pós-modernos se furtam à condição de *experimentadores*, em privilégio da de *espectadores*; esses sujeitos, agora, em vez de *experimentarem*, de *viverem*, não fazem mais do que passivamente *assistir*, seja na poltrona empoeirada de um apartamento invadido, seja na sala de exibição de um cinema pornô:

Alguns passavam e recebiam aquele banho de fuligem, outros corriam, outros entravam no saguão da Biblioteca para se abrigar, peguei a carteira do bolso e a abri, ainda tinha uns trocados, saí, a chuva de fuligem estava acabando, desci a Borges, peguei a rua da Praia, a Vigário José Inácio, entrei no cinema Carlos Gomes, sentei para ver um filme pornô, a mulher parou o carro com a capota arriada e começou a esfregar a mão a xota, pintou um ajuntamento só de homens em volta, um turista japonês filmava tudo, e a mulher como se não visse nada, de olhos cerrados, gozando uma atrás da outra, a xota lambuzada, cor-de-rosa.<sup>24</sup>

Nessa passagem de *O quieto animal da esquina*, tanto descrição da atividade à volta (“alguns passavam”, “outros corriam”, outros entravam”) quanto a narração dos movimentos do protagonista (“peguei a

<sup>20</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1, p. 114-119.

<sup>21</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1, p. 114-119.

<sup>22</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>23</sup> JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2000.

<sup>24</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 9.

carteira”, “desci a “Borges”, “entrei no cinema”) se mesclam de tal modo com as imagens do filme (“mulher parou o carro”, “começou a esfregar a mão”) que os estímulos do cinema, justapostos à narração sem marca alguma de hierarquia<sup>25</sup>, entram a compor a estrutura do personagem *como um dado do corpo*<sup>26</sup>, da mesma forma que Jameson, discutindo a influência da mídia na subjetividade contemporânea, descreveu a perda da experiência nos tempos do capitalismo tardio.

Também a família encenada nos textos de João Gilberto Noll, em oposição à tipicamente moderna família nuclear burguesa descrita por Michel Foucault<sup>27</sup>, não transmite nem tradição nem experiência, tampouco expressa preocupação ou afeto. Atravessados por estímulos artificiais, os personagens, em especial os narradores dos dois romances sobre os quais buscamos refletir, deslocam passos pela cidade, cegos de rumo, esquina após esquina. Contudo, quem pensar no *flanêur* benjaminiano<sup>28</sup>, aquele que circulava pelas metrópoles modernas, não compreenderá o deslocamento entretecido nas narrativas de Noll.

Benjamin descreve um *flanêur* que, de um canto a outro, busca conhecer não só a cidade por onde anda como também, durante o percurso, aqueles com quem se depara. Nos textos nolleanos, por outro lado, os personagens se deslocam à deriva, esvaziados de qualquer projeto de conhecimento. Tanto que os eventuais contatos sociais, por vezes motivados por *impulsos de violência*<sup>29</sup>, não consolidam laços afetivos, apesar de que, freqüentemente, deixam pulsar o *instinto sexual*<sup>30</sup>:

De repente me dei conta que eu estava tão perto da guria cantando que quase podia sentir o hálito dela, eu não dizia nada, ela parou de cantar, notei que havia um paredão cheio de pontas a nos tapar do prédio, fulminei um beijo, ela caiu comigo na terra úmida, a minha língua entrava por um rumor surdo na boca da guria, na certa um grito se eu retirasse a minha

<sup>25</sup> Na passagem por ora tratada, as orações simplesmente se encadeiam por justaposição; dessa forma, a descrição, a narração e as imagens do filme se harmonizam, considerando a economia narrativa do romance, igualmente.

<sup>26</sup> DOURADO, Autran. *Personagem, composição, estrutura*. In: DOURADO, Autran. *Poética de romance*. São Paulo: Difel, 1976, p. 70-81.

<sup>27</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Trad. J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985, v. I,II,II.

<sup>28</sup> BENJAMIN, Walter. *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*. In: BENJAMIN, Walter. *Sociologia*. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985, p. 44-122.

<sup>29</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1994, v. XVIII.

<sup>30</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1994, v. XVIII.

boca — e agora já era tarde demais, eu precisava sufocar aquele grito, quando o meu pau entrou gozei, e o rumor surdo, o grito que eu sufocava esmagando a minha boca contra a dela cessou, e eu me levantei.<sup>31</sup>

Nesse trecho, a cena narrada quase sem pausa, conforme em todo o romance<sup>32</sup>, conduz um ritmo algo convulsivo em que o olhar predomina, como se o narrador, num desaforo de fôlego, estivesse a *filmar* em vez de *experimentar*. Assim, a ação parece não interferir na vivência narrativa do personagem; não há descrição nem de sentimentos nem de sensações, salvo a percepção cinematográfica (isto é: visual e sonora) do episódio. No mais, o encontro em que o instinto sexual provoca, no fim, o espasmo orgasmático, não se esquivava de agressões, de violências que, por sua vez, fazem emergir repulsa, medo, grito, em vez de afeto. Não menos violenta, relação semelhante se verifica a seguir:

(...) eu ia matutando que de manhã cedinho eu deitaria na cama onde já estaria minha mulher e enfiaria a mão entre suas pernas e beijaria sua nuca e arrancaria se deixassem um naco de carne do braço e um grito lancinante dela, os meus dentes afundando com destreza no ombro, encontram o osso da espádua firme, enfio por trás e ela grita, dou seis bombeadas e me acabo.<sup>33</sup>

Narrados num só fluxo de linguagem, *A céu aberto* e *O quieto animal da esquina*, não apresentando divisões em capítulos<sup>34</sup>, encadeiam episódios que, distantes de confirmarem aprendizado ou experiência, pouco ou nada dizem um do outro. Apropriando palavras de Silviano Santiago, podemos afirmar que, integrantes de uma possível ficção pós-moderna, as narrativas de João Gilberto Noll “são, por definição, quebradas. Sempre por recomeçar.”<sup>35</sup> Por isso os personagens-narradores, com vistas acesas como câmeras de cinema, cultivam *o hábito de ocupar o*

<sup>31</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 14.

<sup>32</sup> Na maior parte do romance — estamos tratando, aqui especificamente, de *O quieto animal da esquina* —, os parágrafos, pontuados por vírgulas ou travessão, se desenvolvem em apenas um período, em geral longo.

<sup>33</sup> NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 79.

<sup>34</sup> Com efeito, nem um nem outro romance apresentam divisões, seja em capítulos, seja em fragmentos; os parágrafos, portanto, se encadeiam ininterruptamente até o fim das narrativas.

<sup>35</sup> SANTIAGO, Silviano. *O narrador pós-moderno*. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas matilhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.47.

*tempo perambulando*<sup>36</sup>, sempre sem rumo porque só fazem começar, enquanto entretecem, de rua em rua, de cidade em cidade, uma narrativa do olhar, de acordo com *uma vivência que, fraturada, apenas se estabelece como imagem*<sup>37</sup>, como encenação que irrompe do nada, mas capaz de tirar o sujeito de si:

(...) basta de personagens de carne e osso que vêm de um lugar e partem para o outro, não, não, a partir de agora de repente irrompem do nada e de súbito desaparecem para o nada, como verdadeiras assombrações transplantadas vamos dizer do esquecimento para o olvido, ninguém espera o surgimento ou o apagamento deles (...) <sup>38</sup>

E ainda:

Não entendi o que eu fazia ali, deitado, com a cabeça sobre uma poça de mijó, respirei fundo o cheiro penetrante de mijó, como e pressentindo que assim recuperaria um pouco da memória, e a memória do que me levara ao chão foi aparecendo, devagarinho, e comecei a me intrigar, pois o que fora o teatro de uma convulsão para afugentar o homem que se dizia policial, tinha virado uma coisa que de fato me tirara de mim.<sup>39</sup>

Tamanha fratura não permite que os relacionamentos, seja de amor seja de amizade, ultrapassem o espasmo do sexo para constituírem, de fato, um laço de continuidade afetiva. Esvaziadas tanto de experiência quanto de diálogo, nenhuma relação sustenta integridade amorosa, nem proporciona proteção ou, ainda, ameniza o grave estado de ansiedade. Só o instante — em geral espasmódico — permite alguma *interação* de corpos, mas nunca uma *interlocução* entre sujeitos<sup>40</sup>. De forma que, se

<sup>36</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p. 9.

<sup>37</sup> Cf. SANTIAGO, Silvano. *O narrador pós-moderno*. In: SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>38</sup> NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 100.

<sup>39</sup> NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003, p.53.

<sup>40</sup> No fragmento *Os corpos que passam*, de Roland Barthes por Roland Barthes, o estudioso francês, refletindo sobre a dinâmica de corpos numa “boîte”, conclui: “Esse espaço não é desprovido de corpos, eles estão mesmo bastante próximos, e é o que importa; mas esses corpos, anônimos, animados de leves movimentos, deixam-se num estado de ócio, de irresponsabilidade e de flutuação: toda a gente está ali, ninguém me pede nada, ganho dos dois lados: na ‘boîte’, o corpo do outro nunca se transforma em ‘pessoa’ (civil, psicológica, social, etc.): ele me propõe seu passeio, não sua interlocução. Pensando isso, consideramos de bom proveito a associar essa reflexão breve, mas perspicaz, ao nosso estudo das narrativas nolleanas.

“a anatomia é o destino”, conforme Freud afirmou parafraseando Napoleão<sup>41</sup>, as narrativas de João Gilberto Noll, movimentando personagens constituídos de ausências, encenam um Eros sem qualquer ligação, tão destituído de afeto quanto um beijo de lábios mutilados.

### Referências:

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*. In: BENJAMIN, Walter. *Sociologia*. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985, p. 44-122.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, v. 1, p. 114-119.

DE MASI, Domenico. *A sociedade pós-industrial*. Trad. Anna Maria Capovilla et alii. São Paulo: SE|NAC ED., 1999.

DOURADO, Autran. *Personagem, composição, estrutura*. In: DOURADO, Autran. *Poética de romance*. São Paulo: Difel, 1976, p. 70-81.

EAGLETON, Terry. *A psicanálise*. EAGLETON, Terry. In: *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Trad. J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985, v. 1,II,II.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1994, v. XVIII.

<sup>41</sup> FREUD, Sigmund. *A dissolução do complexo de Édipo*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 222.

FREUD, Sigmund. *A dissolução do complexo de Édipo*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da identidade: sexualidade e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade pós-moderna*. Trad. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2000.

JAMESON, Frederic. *Teorias dialéticas da literatura no século XX*. Trad. Iumna Maria Simon et alii. São Paulo: Hucitec, 1985.

NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

NOLL, João Gilberto. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SANTIAGO, Silviano. *O narrador pós-moderno*. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. *Travessia do pós-moderno: nos tempos do vale-tudo*. Rio de Janeiro: Gryfus, 1992.